



# Vítimas de um passado imaginário

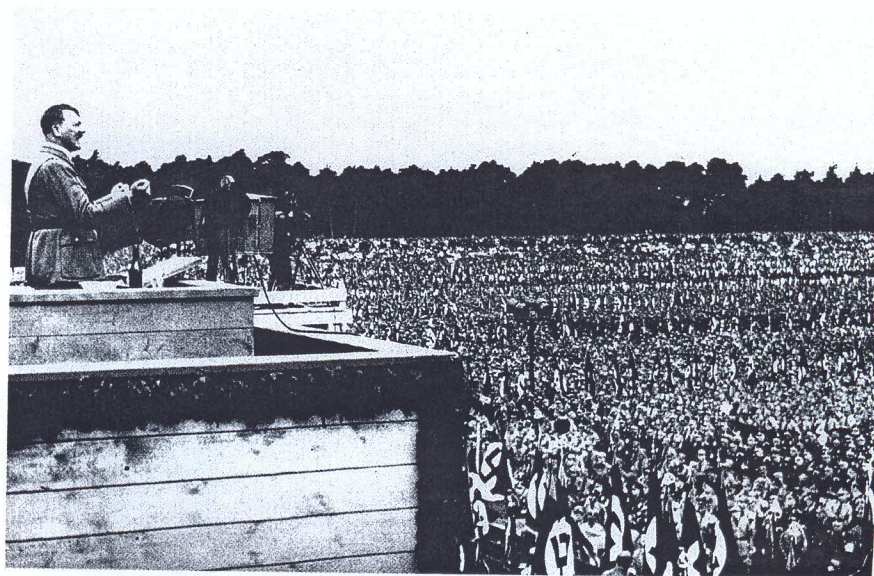
**A** recente decisão do Banco Central Europeu (BCE) de intervir no mercado secundário da dívida pública dos países da Zona Euro que o solicitarem, embora sob um regime de estrita condicionalidade, contou com a oposição de Jens Weidmann, o governador do banco central alemão. O estatuto de independência e o regime de deliberação do BCE não permitem nem a um país como a Alemanha impedir, só por si, uma decisão que tenha uma sólida maioria. Contudo, seria tão errado seguir cegamente as posições hoje dominantes em Berlim, como ignorá-las. Importa, pois, tentar perceber as razões de Weidmann e de uma parte importantíssima da elite política e económica alemã.

## O TRAUMA DA HIPERINFLAÇÃO DE 1921-

**1923** Nenhuma família alemã deixará de guardar no seu espólio documental as notas de milhares de milhões de marcos, impressas numa só face, que assinalam um período desastroso da história germânica, marcado pela hiperinflação induzida pela «questão das reparações» (Reparationsfrage). A Alemanha ficou esmagada, desde o Tratado de Versalhes (1919), por uma colossal dívida de guerra (imposta pelos vencedores) de 132 mil milhões de marcos. Entre 1921 e 1923, a situação agravou-se, tendo o banco central (Reichsbank) sido empurrado para uma política descontrolada de financiamento monetário (impressão de papel moeda) para acudir ao serviço da dívida e às outras necessidades orçamentais, o que conduziu a um dos mais brutais fenómenos inflacionários da história mundial.

Se, em meados de 1921, um dólar valia 56 marcos, já em janeiro de 1923 eram necessários 17 972 marcos para comprar um dólar.

**A falsidade histórica de associar a hiperinflação à vitória de Hitler contribui para conduzir a Zona Euro ao abismo de uma austeridade disruptiva e dolorosa**



O auge astronómico foi atingido em 15 de novembro de 1923, quando um dólar valia 4,2 biliões de marcos! As consequências sociais e políticas foram terríveis. Em 1923, tropas francesas e belgas invadiram a região carbonífera do Ruhr para obter o pagamento da dívida em géneros, e, a 9 de novembro, Hitler lança-se no seu desastroso putsch de Munique, que o tornaria, na cadeia, numa estrela literária (com o seu *Mein Kampf*). Como a inflação é um imposto escondido mas universal, milhões de famílias viram as suas poupanças devoradas no processo de alta dos preços e desvalorização da moeda.

## 1924-1932, A DÉCADA RECALCADA

A hiperinflação deixou uma ferida de tal modo traumática que ainda hoje a memória alemã a considera como causa da subida de Hitler ao poder. A verdade, todavia, é que Hitler só foi nomeado chanceler em janeiro de 1933. Essa atribuição de causalidade é completamente desmentida pela história. De 1924 em diante, estreitou-se a ligação entre a economia alemã e o sistema financeiro dos EUA. Por isso, a Alemanha foi o país que mais sofreu com o *crash* bolsista de outubro de 1929, ao ver-se confrontada com o imperativo de saldar com urgência muitos dos créditos recebidos.

Contudo, o Reichsbank e os executivos de Berlim, em particular os dois gabinetes de Heinrich Brüning (março de 1930 a maio de 1932), que governou sob proteção de uma legislação presidencial de emergência (ao abrigo do artigo 48.º da Constituição de Weimar), jamais repetiram as receitas de 1921-23. Pelo contrário, ao longo de toda a crise, os governos assistiram impassíveis ao aumento do desemprego (passou de 650 mil, em setembro de 1928, para 6,1 milhões, em janeiro de 1933), conduzindo uma política monetária totalmente anti-inflacionária: aumento dos impostos; redução dos salários; redução do crédito bancário; diminuição das despesas sociais...

**QUE OS ALEMÃES TENHAM** apagado dez anos da sua história, e continuem a confundir 1933 com 1923, seria algo menor se não fosse o caso de o atual BCE ter importado integralmente esse pânico da inflação que se tornou estatuto aquando da fundação do Bundesbank (1957). A falsidade histórica de associar a hiperinflação à vitória de Hitler contribui, assim, para conduzir a Zona Euro ao abismo de uma austeridade disruptiva e dolorosa. Justificada para evitar um eventual surto inflacionário, que, nas presentes circunstâncias, não passa de um medo irracional. ▣